

Távoras Emigrantes – Emigrantes Távoras

A 13 de Janeiro do ano de 1759, foram executados, num descampado onde fica actualmente a praça Afonso de Albuquerque, em Belém, seis membros da mais alta nobreza portuguesa, na sequência daquele que ficou conhecido como “Processo dos Távoras”.



O suplício dos Távoras

A teia de acontecimentos que levou à condenação à morte, execução destes fidalgos e posterior reconhecimento da injustiça então praticada relativamente à maioria deles, são amplamente conhecidos, mas o mesmo não se pode dizer relativamente à genealogia desta família. A verdade é que se perdeu o rasto a alguns dos membros da família Távora, e logo surgiram boatos de que estes teriam emigrado para o Novo Mundo, onde ainda hoje existiriam descendentes seus.

O surgimento destas histórias pode ter quatro fontes: em primeiro lugar é possível que, de facto, alguns descendentes das famílias perseguidas tenham escapado à perseguição em Portugal, emigrando para outros países, onde naturalmente casariam e deixariam descendência; em segundo lugar, temos a hipótese de alguns daqueles que crêem ser descendentes dos supliciados, o serem de outros ramos da família Távora, que não se esgota, de todo, na família próxima do Marquês (um destes ramos que muito possivelmente terá contribuído com um grande número de emigrados desta família para o Novo Mundo, é o ramo das Ilhas de Porto Santo e Madeira); em terceiro lugar, devemos ter em conta que a família Távora era das mais ricas de Portugal, sendo os seus membros, provavelmente, proprietários de grande número de escravos, que muitas vezes assumiam os nomes dos seus donos, aumentando em muito o número de pessoas ostentando este apelido; por último, pode dar-se o caso da relação de parentesco com os

Távoras, não ser mais do que pura fantasia, gerada em pleno Século XVIII ou mais tardiamente.

Só um estudo apurado da genealogia de cada um, poderá determinar se existe de facto algum parentesco com a família Távora, estudo esse que poderá ser entregue a investigadores profissionais do ProGenea.com.

Mas porque tal é de grande interesse para muitos curiosos sobre a família Távora, vejamos então a genealogia dos supliciados de 1759, que foram: Dom José de Mascarenhas da Silva e Lancastre, 8º *Duque de Aveiro*; Francisco de Assis de Távora, 3º *Conde de Alvor*, a mulher deste, D. Leonor de Távora, 3ª *Marquesa de Távora*, e os seus filhos, Luís Bernardo de Távora, 4º *Marquês de Távora*, e José Maria de Távora; e o cunhado destes, o 11º Conde de Atouguia, Dom Jerónimo de Ataíde, descendente da famosa D. Filipa de Vilhena, que armou seus filhos no dia da aclamação d'El-Rei Dom João IV.



Dona Filipa de Vilhena, Condessa de Atouguia, armando seus filhos, em 1640.

Genealógicamente, todos os infelizes supliciados têm um tronco comum, que radica no 1º Marquês de Távora, Luís Álvares de Távora e sua mulher D. Maria Inácia de Menezes, filha do 1º Conde de Sarzedas (*vide* esquema genealógico *infra*).

Vejamos aquilo que se sabe sobre a descendência de cada um dos que subiram ao cadafalso em 1759, condenados por alta traição.

Descendência de Dom José Mascarenhas da Silva e Lancastre

Dom Martinho Mascarenhas, *6º e último Marquês de Gouveia*, era o filho mais velho e seria o sucessor natural de Dom José Mascarenhas no título de Duque de Aveiro, não fora ter este título sido considerado extinto em virtude da sentença condenatória proferida contra seu pai, acusado do crime de Lesa-Majestade.

Foi encarcerado, mas poupado ao suplício e só viria a sair da prisão da Junqueira em 1777, após a morte de Dom José I. Entretanto, sua mãe, a Duquesa viúva, falecera já em 1761, em absoluta miséria, como criada das freiras trinitárias do Convento do Rato.

Pobre e sem qualquer apoio familiar, retirou-se para o mosteiro de Mafra até que finalmente foi auxiliado por um seu parente e companheiro na desgraça, Dom João de Almeida Portugal, *2º Marquês de Alorna*, que o hospedou na sua Quinta em Almeirim. Mais tarde, este titular conseguiria ainda que fosse concedida a Dom Martinho Mascarenhas, a patente de Capitão do exército, uma pensão vitalícia de cem mil réis e a autorização para que usasse o título de Marquês de Gouveia.

Dom Martinho nunca casou, mas teve um filho ilegítimo que terá nascido em Almeirim de uma Caetana da Assunção. Este filho, de nome António, viria a casar em Vila Franca de Xira, com Joaquina Rita, de quem viria a ter um filho também chamado António. Este último viria a ser diplomata de carreira, ocupando vários cargos nas embaixadas das ilhas britânicas. Casou três vezes e teve descendência dos dois últimos casamentos que se terá radicado, em parte, no estrangeiro, nomeadamente em Inglaterra e no Canadá.

Dos irmãos do Marquês de Gouveia, não houve descendência alguma. O seu único irmão, Dom João José Mascarenhas, morreu menino, tal como sua irmã, D. Bernarda Mascarenhas. As restantes três irmãs, D. Joana Tomásia, D. Inácia José Francisca e D. Francisca das Chagas José Tomásia Baltazar Antónia Domingas João Mascarenhas, viriam todas a professar no convento de Santo Alberto das Carmelitas Descalças, assumindo respectivamente os nomes de Madre Teresa José da Conceição, Madre Maria Inácia do Santíssimo Sacramento e Madre Francisca das Chagas de Cristo.

Descendência de Dom Jerónimo de Ataíde

O 11º Conde de Atouguia e sua mulher D. Mariana Bernarda de Távora tiveram cinco filhos. Aquando da detenção dos alegados conspiradores, em 1759, a condessa foi enviada para o Convento das Religiosas de Sacavém, juntamente com as suas duas filhas, D. Leonor e D. Clara e o seu filho mais novo, Dom António de Ataíde, que contava apenas 16 meses de idade. Os filhos mais velhos, Dom Luís e Dom Francisco de Ataíde, foram enviados para um convento mais adequado à formação de jovens rapazes, o Convento de São Francisco de Paula, em Rilhafoles, que é actualmente o Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda.

Nada sabemos do paradeiro das duas irmãs que entraram crianças no Convento de Sacavém, mas não seria de estranhar que tivessem professado no dito Convento. Quanto aos três irmãos, também não sabemos se deixaram descendência, mas sabemos que pelo menos Dom Luís e Dom António viviam ainda em 1822.

Consta que D. António, o mais novo dos irmãos, teria sido educado em Espanha e que teria regressado mais tarde ao Porto onde vivera com o apelido Fernandes. Terá alegadamente casado com Ana Joaquina de Lucena e terá tido descendência que se encontra hoje em Inglaterra e África do Sul.

Descendência de Luís Bernardo de Távora

Não houve descendência do casamento do 4º Marquês de Távora com sua tia D. Teresa Távora de Lorena, que seria alegadamente, a amante que o Rei Dom José I teria ido visitar na noite do atentado que sofreu em 1758 e pelo qual a família desta iria ser responsabilizada.

Descendência dos irmãos do 4º Marquês de Távora

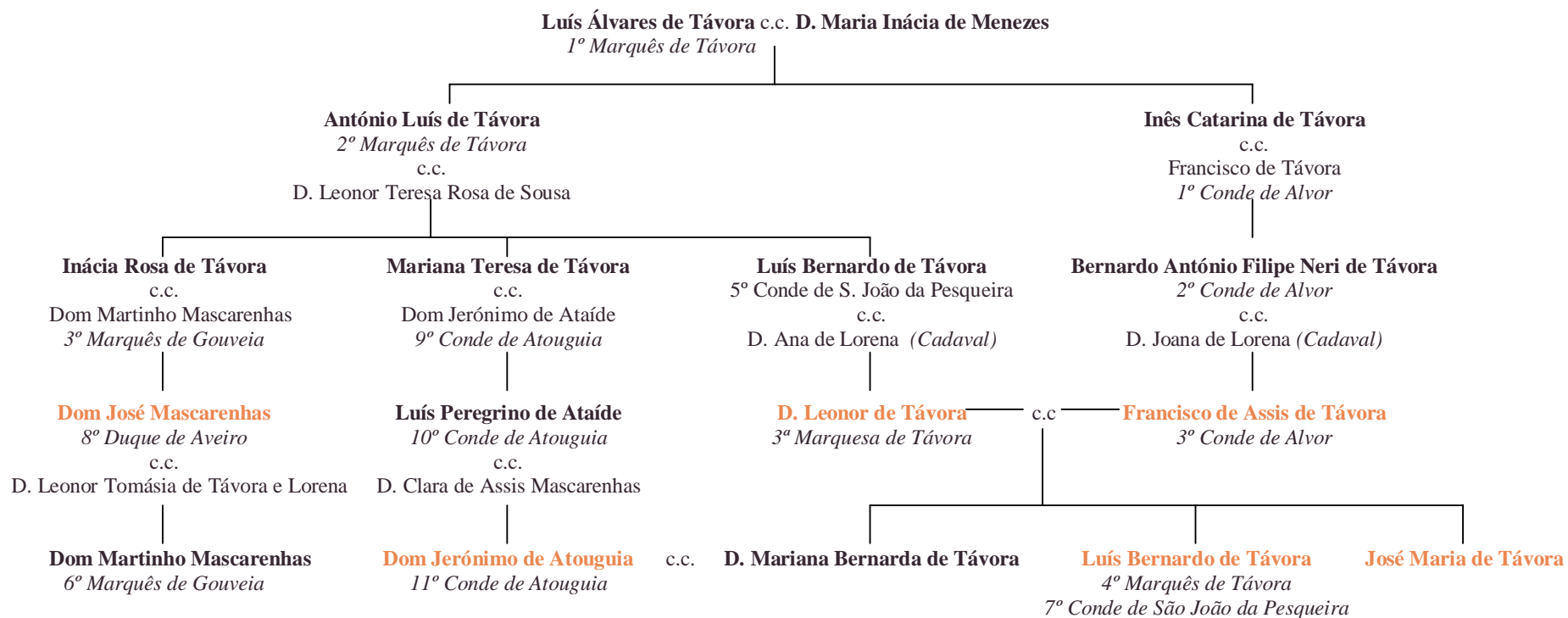
Francisco de Assis de Távora, 3º Conde de Alvor e sua mulher D. Leonor de Távora, 3ª Marquesa de Távora, tiveram 6 filhos e 6 filhas. Entre estes contam-se os acima mencionados Luís Bernardo de Távora e José Maria de Távora, ambos supliciados com seus pais no cadafalso de Belém e que faleceram sem deixar descendência e D. Mariana Bernarda de Távora, condessa de Atouguia pelo seu casamento, também já referida.

Outros seis dos irmãos terão morrido ainda crianças e antes dos seus pais, a saber: D. Joana Bernarda; Bernardo António; Margarida; António; Nuno; e Raimunda.

Uma outra irmã, D. Leonor de Lorena e Távora, casou com Dom João de Almeida Portugal, 2º Marquês de Alorna, que pelo simples facto de ter laços de parentesco com os Távora, viria a ser preso na Torre de Belém e mais tarde transferido para o forte da Junqueira, onde passaria 18 anos da sua vida.

Os Marqueses de Alorna tiveram três filhos cuja descendência se encontra bem estudada e que, ao que parece, terá ficado em Portugal durante os anos conturbados da vida dos seus pais. Contam-se entre os descendentes destes, os actuais representantes dos títulos de Marquês de Fronteira e de Alorna, Marquês da Ribeira Grande, Conde dos Arcos e Visconde de Trancoso.

Dos filhos do Conde de Alvor e da Marquesa de Távora, desconhecemos o paradeiro de duas filhas, D. Ana e D. Inês de Távora, nascidas respectivamente em Chaves, em 1727 e em Lisboa em 1731.



«Aqui foram arrasadas e salgadas / as casas de José de Mascarenhas / exautorado das honras de duque / d' Aveiro e outras / condemnado por sentença proferida / na suprema Junta de / Inconfidencia, em 12 de Janeiro / de 1759 / Justificado como um dos chefes / do barbaro e execrando desacato / que na noite de 3 de Setembro / de 1758 se havia commettido / contra a real e sagrada pessoa de / D. José 1.º / Neste terreno infame não se poderá / edificar em tempo algum».

